

# GESTÃO DA HIGIENE MENSTRUAL POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: uma análise qualitativa através do uso de artefatos materiais

*MENSTRUAL HYGIENE MANAGEMENT AMONG HOMELESS PEOPLE: a qualitative analysis through the use of material artifacts*

MAGALHÃES, Fernanda Luiz; Mestranda; Universidade de São Paulo

fmagalhaes@usp.br

VELLOSO, Leandro Manuel Reis Velloso; Doutor; Universidade de São Paulo

leandrovelloso@usp.br

## Resumo

A pobreza menstrual é uma condição caracterizada pela falta de informação, infraestrutura e produtos adequados para o manejo da menstruação, que acomete cerca de 500 milhões de pessoas que menstruam no mundo. Partindo de uma abordagem centrada no humano, este estudo visa mapear aspectos notáveis sobre o manejo da menstruação do ponto de vista do uso ou desuso de artefatos de higiene menstrual projetados para o contexto de pessoas que vivem em situação de rua. Foram realizadas entrevistas em profundidade com representantes de projetos sociais que atuam em território brasileiro, nos estados de Amazonas, Maranhão, Goiás e São Paulo, e trabalham com a temática da pobreza menstrual. Os dados coletados foram analisados com uso da ferramenta diagrama de afinidades para sistematização de categorias conceituais emergentes. O resultado obtido é o mapeamento de práticas, preferências e experiências em relação a gestão da higiene menstrual de pessoas em situação de rua.

**Palavras Chave:** pobreza menstrual; design de produtos; pessoas em situação de rua.

## Abstract

*Menstrual poverty is a condition characterized by the lack of information, infrastructure, and adequate products for managing menstruation, affecting around 500 million menstruating individuals worldwide. Adopting a human-centered approach, this study aims to map notable aspects of menstrual management from the perspective of using or not using menstrual hygiene products designed for the context of homeless people. In-depth interviews were conducted with representatives of social projects operating in Brazilian states such as Amazonas, Maranhão, Goiás, and São Paulo, focusing on menstrual poverty. The collected data were analyzed using an affinity diagram tool to systematize emerging conceptual categories. The resulting outcome is a mapping of practices, preferences, and experiences regarding menstrual hygiene management among homeless individuals.*

**Keywords:** period poverty; product design; homeless people.

## 1 Introdução

A Gestão da Higiene Menstrual (GHM), ou Menstrual Hygiene Management (MHM), é um termo que retrata o manejo da menstruação por pessoas que menstruam, e conceitua a prática de higiene aplicada durante o ciclo menstrual. Segundo a Unicef (2022), em parceria com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o conceito de GHM inclui tanto a utilização de materiais limpos para absorver ou recolher o sangue, quanto o acesso à privacidade para executar as práticas de higiene e instalações para descartar os materiais que foram utilizados. Logo, os aspectos conectados à gestão da higiene menstrual "compreendem os factos básicos ligados ao ciclo menstrual e como geri-lo com dignidade e sem desconforto ou medo" (UNICEF, 2022, p.1).

Para compreender melhor o cenário da gestão da higiene menstrual em um contexto de vulnerabilidade no Brasil, este artigo propõe realizar um mapeamento de aspectos relevantes para compreender em quais circunstâncias as pessoas que vivem em situação de rua lidam com a menstruação. Desta maneira, foram investigadas práticas, preferências e experiências em relação aos usuários, principalmente a partir da relação destas pessoas com os produtos de higiene, que recebem por doações ou que acabam por improvisar para manejar a seus ciclos.

Como método de coleta de dados, buscou-se identificar, através de quatro entrevistas em profundidade com representantes de ONGs e projetos sociais que atuam em território brasileiro (especialmente nos estados de Amazonas, Maranhão, Goiás e São Paulo) e trabalham com a temática da pobreza menstrual, aspectos relevantes sobre o contexto de pessoas que menstruam nas ruas. As entrevistas foram no formato semiestruturado e buscaram abordar informações sobre produtos doados pelas ONGs, artefatos utilizados pelas pessoas em situação de rua, aspectos sobre higiene e infraestrutura e relatos que os representantes das ONGs presenciaram sobre o manejo da menstruação.

Entende-se pobreza menstrual como um conceito que representa a "falta de acesso a produtos menstruais, a informação sobre menstruação e a infraestrutura adequada para o manejo da higiene menstrual" (BAHIA, 2021, p.10). Esta definição também é utilizada pelo relatórios das instituições Unicef e UNFPA, complementando que esse fenômeno está associado aos inúmeros desafios dos "direitos e insumos de saúde para meninas, mulheres homens trans e pessoas não binárias que menstruam" (UNICEF; UNFPA, 2021, p.4), assim como retroalimentam processos geracionais de desigualdades de gênero, raça, classe social, e impactam trajetórias educacionais e profissionais.

Um conceito comumente associado à pobreza menstrual é o de "dignidade menstrual". Esse conceito relaciona a menstruação com a dignidade humana e, segundo a definição de Bahia (2021, p.9), ao não ter acesso aos recursos necessários, as pessoas colocam em risco a sua dignidade. Segundo o relatório Livre para Menstruar, "as provocações, a exclusão e a vergonha relacionadas à menstruação também comprometem o princípio da dignidade humana" (BAHIA, 2021, p. 9).

## 2 Pobreza Menstrual no Brasil

Um estudo realizado pela marca de absorventes Always em 2022, viabilizado pelo Instituto de Pesquisa Locomotiva, entrevistou 32 e aplicou um questionário para 1.016 mulheres sobre sua relação com o período menstrual. A amostra contém mulheres de todas as regiões do Brasil, de 16 a 50 anos de idade na quantitativa (questionários) e de 16 a 39 anos na qualitativa (entrevistas). Nesta pesquisa, parte das mulheres afirmou que já se sentiu constrangida por estar menstruada.

Cerca de um quarto das mulheres já sofreram algum constrangimento ou humilhação por estarem menstruadas. Essa proporção é maior entre mulheres com menor renda, menos escolarizadas e com fluxo menstrual intenso. Entre quem já foi constrangida, escola/faculdade é o ambiente mais citado. (INSTITUTO LOCOMOTIVA; P&G, 2022, p.11)

A pesquisa do Instituto Locomotiva e P&G (2022) traz dados atualizados sobre a pobreza menstrual no Brasil de maneira quantitativa. Dentre porcentagens brutas, destacam-se que três quartos das mulheres que participaram da pesquisa relatam já terem usado outros itens no lugar de produtos para higiene menstrual, como papel higiênico, item mais citado. Ainda segundo a pesquisa, "35% de mulheres afirmam que os gastos com produtos de higiene pesam na renda mensal e precisam economizar com estes itens" (INSTITUTO LOCOMOTIVA; P&G, 2022, p.15). Segundo o cálculo de referência da pesquisa, essa parcela equivale a aproximadamente 20 milhões de brasileiras. No total, a pesquisa projeta que, a partir de dados coletados de mulheres que trabalham, 52% já foram expostas a alguma das situações de pobreza menstrual, o que equivale a 29,7 milhões de mulheres. A principal necessidade destacada no estudo foi a de ter acesso ao produto de higiene menstrual, como o absorvente.

## 2.1 Produtos industrializados para a gestão da higiene menstrual

Para complementar a visão sobre artefatos materiais utilizados na menstruação, trazemos um panorama de produtos existentes para a realização da GHM. Os produtos podem ser classificados de maneira genérica (RAIMOND et al., 2021) como: 1) produtos higiênicos que podem ser inseridos na vagina para coletar ou absorver o sangue menstrual, sendo estes de uso único ou reutilizáveis; e 2) produtos para higiene menstrual de uso externo para absorver ou coletar o sangue menstrual, sendo estes novamente descartáveis ou com mais de um uso.

Em relação aos produtos higiênicos considerados como de uso externo, estes são: paninhos e toalhas higiênicas, absorventes descartáveis externos, calcinhas absorventes e absorventes de pano reutilizáveis. Segundo um estudo sobre higiene menstrual conduzido por Kuhlmann et al. (2019) em St. Louis, nos Estados Unidos, com mulheres de baixa renda, um terço das participantes da pesquisa relatou que usava tiras de roupas, paninhos e pedaços de tecidos para lidar com a menstruação e, por vezes, complementando com produtos industrializados como absorventes descartáveis. Outros artefatos usados foram fraldas infantis, geriátricas de parentes das participantes e papéis higiênicos pegos em banheiros públicos.

Como produtos de uso interno, citamos os: absorventes descartáveis internos e coletores menstruais. Sobre o absorvente interno descartável, Cavalcante (2022) e Wons (2019) mencionam sobre a preocupação da síndrome do choque tóxico (SCT) com o recém lançamento do produto na década de 80, o que ocasionou algumas mortes na época. Este estigma sobre o risco de infecções causadas pelo produto, principalmente quando não utilizado de acordo com boas práticas de higiene, segue até os dias atuais. Já sobre os coletores menstruais, há versões do produto em formatos diversos que variam entre formato em V, formato de sino, formato ovalado e assimétrico (MANLEY et al., 2021). No estudo feito por Manley et al. (2021), foram feitas considerações sobre a ampla variedade de produtos e marcas, principalmente em relação à consistência das dimensões do produto as consumidoras, cuja variação entre as dimensões dos coletores menstruais pode implicar em um aumento de desconfortos e falhas de usabilidade em relação ao uso.

## 2.2 Design Centrado no Humano

Em seu texto *Care and Capacities of Human-Centered Design*, o autor Ian Hargraves descreve os pontos vulneráveis da esfera da saúde ao lidar com seres humanos, e como o Design consegue enxergar esses pontos para direcionar um processo inovativo. Hargraves (2018) articula sobre o saber específico da área da saúde e tece uma crítica ao Design generalista. O autor ainda relaciona essa prática de pensar Design, de forma geral ou específica, com aspectos modernos e pós-modernos, em relação ao conflito entre o que vem do indivíduo e o que vem de uma visão mais ampla.

Há ainda uma crítica de Hargraves (2018) sobre a maneira que o Design se posiciona nesta missão de “resolver problemas de maneira criativa”. O olhar do Design, apesar de inicialmente estar associado ao ser humano, acaba por se contaminar pelo método. Segundo o autor, HCD, Design Thinking e ferramentas que auxiliam na produção de insights sobre um contexto, por vezes, se tornam mais importantes do que as pessoas que estão no centro da investigação. A própria oportunidade de inovar leva mais crédito do que aqueles que teoricamente seriam beneficiados por ela. Por fim, o artigo destaca a importância de haver disciplina na condução do método, além da consciência de que o problema é mais importante que o método e de que as pessoas são mais importantes que o problema.

Nesta linha discursiva, falar sobre Design colaborativo poderia auxiliar na construção de uma prática que olha para as pessoas cujas necessidades estão no centro da atividade projetual. Noronha (2018), reflete sobre como, ao abordar pelo Design, problemas que afetam grupos minorizados, o designer os coloca automaticamente em uma posição passiva, na qual projeta com foco na solução. Assim, o profissional designer constrói uma barreira subjetiva de poder que o afasta dos usuários, teoricamente foco do projeto, colocando-se em uma posição de hegemonia por ser aquele que detém o poder de definir o que é mais adequado para os usuários.

Dessa maneira, Noronha (2018) propõe uma mudança na participação do profissional do Design enquanto figura que finaliza um projeto, para uma figura que media aqueles envolvidos no contexto complexo que se quer endereçar, pensando também em um caminho estratégico para viabilizar uma cartografia como uma diretriz de projeto. A autora (NORONHA, 2018, p.2) destaca que ter um plano comum, partindo de uma visão cartográfica como filosofia e método de projeto, possibilita que seja observado de maneira mais clara o que está sendo compartilhado e o que se difere do que foi dito, facilitando assim a reflexão sobre a subalternidade e a autonomia na atividade projetual.

## 3 Método

As quatro ONGs que trabalham com pobreza menstrual, que nos concederam entrevistas semi-estruturadas, atuam em quatro das cinco regiões do Brasil. Sua atuação está nos estados Amazonas, Maranhão, Goiás e São Paulo, principalmente em suas capitais Manaus, São Luís, Goiânia e São Paulo, porém tendo atuado em iniciativas pontuais em outras cidades do Brasil. Por trabalharem com pessoas de rua, a projeção quantitativa de pessoas atendidas pelos projetos se torna complexa, principalmente pelo seu comportamento nômade, não se fixando sempre no mesmo lugar. Assim, os projetos quantificam suas ações através da contagem de pacotes de absorventes doados, algo entre sete a onze mil pacotes por mês.

Durante a investigação, quis-se compreender os processos de funcionamento da ONG e seu tamanho; extrair oportunidades de storytelling das ONGs para construção de material de pesquisa;

estabelecer categorias de investigação iniciais para auxiliar no mapeamento qualitativo do cenário da pobreza menstrual nas ruas; e compreender, de maneira introdutória aspectos locais sobre a pobreza menstrual. Foram identificados 22 projetos - ONGs e iniciativas que também abordam o tema em território nacional - a partir de buscas na internet por referências de ONGs que trabalham a temática da pobreza menstrual.

A partir daí, buscou-se contato com os representantes das ONGs de dez projetos, dos quais nove nos concederam entrevistas. Dentre os dados coletados nas entrevistas, foram priorizadas as análises de quatro projetos que trabalham principalmente com o público em situação de rua. As entrevistas aconteceram entre os dias 7 e 17 de novembro de 2022, de modo remoto, através da plataforma Zoom. Como método de análise de dados, foi utilizado o diagrama de afinidades (MARTIN, 2012) como uma ferramenta para investigar indutivamente categorias conceituais emergentes do conteúdo coletado.

## 4 Resultados

A análise indutiva dos dados provenientes das entrevistas semiestruturadas revelou sete categorias conceituais que delineiam um panorama abrangente sobre a gestão da higiene menstrual entre pessoas que vivem nas ruas e enfrentam a pobreza menstrual. Essas categorias incluem: desafios relacionados aos produtos para a higiene menstrual; produtos essenciais além dos absorventes; comportamentos específicos de pessoas em situação de rua; aspectos de gênero nesse contexto; uso de absorventes descartáveis; informações sobre menstruação e produtos; e a falta de acesso adequado à água. Para facilitar a compreensão e assimilação dos principais tópicos abordados, essas categorias estão resumidas em um quadro síntese ao final desta seção (Quadro 1).

### 4.1 Desafios em relação a produtos para a higiene menstrual

A escassez de produtos para higiene menstrual é uma faceta da pobreza menstrual que se destaca pela urgência nesta investigação. Como aspectos que citam as dificuldades de pessoas que menstruam nas ruas, a dificuldade de acesso a produtos de higiene, assim como a escassez de produtos foram destaque. Sobre a maneira de lidar com a menstruação em um contexto de falta de produtos adequados, o uso de materiais alternativos para conter a menstruação foi descrito com artefatos como papel, pedaços de pano, pedaços de roupas novas ou usadas, embalagens, papelão, folhas de plantas, em especial a folha da rosa que seria mais absorvente, e o pão, por vezes sendo o uso das casca ou do próprio conteúdo do interior do pão, conhecido popularmente como miolo. Outro desafio que emergiu das entrevistas foi a preocupação em torno do risco de infecções que podem ser causadas por produtos de higiene menstrual que seriam inadequados para o contexto, associados à falta de higiene. De maneira mais subjetiva, mas ainda muito associada a um manejo inadequado, a falta de privacidade foi um tema citado nas entrevistas.

### 4.2 Produtos necessários além dos absorventes para higiene menstrual

Há outros artefatos que se destacam por facilitar a higiene menstrual, além de absorventes descartáveis. Este é o caso de roupas íntimas, aqui neste estudo resumido como calcinhas, porém também é importante destacar o caso de outros tipos de roupas íntimas, como cuecas. Outros produtos, como lenços umedecidos e papel higiênico, também foram citados, como alternativas

para higiene sem a necessidade do uso de água, recurso também escasso no contexto da rua.

#### 4.3 Comportamentos de pessoas nas ruas

Sobre o comportamento, destaca-se uma preocupação em relação ao uso de substâncias entorpecentes. Através de relatos, as entrevistadas compartilharam situações em que as pessoas, durante o ciclo menstrual, e por estar sob o efeito de drogas como álcool e outras substâncias, utilizavam de maneira inadequada absorventes internos, deixando-os mais tempo do que o recomendado. Há relatos de venda de pacotes de absorventes que foram doados dentro das embalagens originais, com o objetivo de acesso a drogas. Por este motivo, os projetos removem as embalagens comerciais dos absorventes, utilizando embalagens personalizadas dos projetos. Outro comportamento mapeado no contexto de rua foi em relação ao recebimento de doações de absorventes. A doação, por vezes, organizada em conjunto com outras doações de comida ou roupas, aglomera mais pessoas em um local específico e facilita a distribuição. Em relação ao recebimento, foram compartilhados relatos nos quais as pessoas, por não ter o hábito de estocar, pegavam apenas a quantidade exata para seus ciclos, recusando-se caso não houvesse necessidade imediata ou iminente. Um aspecto importante também destacado foi o de movimentação nas ruas. Todas as entrevistadas relataram que há um movimento padrão de pessoas que vivem em situação de rua que é a constante movimentação. Este comportamento nômade ocorre por motivos climáticos, como chuva e sol, ou por questões de segurança pessoal contra potenciais atos de violência.

#### 4.4 Aspectos de gênero nas ruas

"A rua é um lugar majoritariamente composto por homens" (J., 27 anos; N., 25 anos; L., 40 anos; V., 25 anos, 2022). Esta afirmação se repetiu algumas vezes durante as entrevistas e, em relação ao desafio de distribuir absorventes para população de rua, chegam a afetar a integridade física de mulheres dos projetos. Foram compartilhados relatos sobre homens que pedem ou querem tomar kits de absorventes para si com a intenção de vendê-los. Ainda sobre gênero, apesar da maior parte das pessoas que recebem produtos doados pelos projetos serem mulheres, o termo "pessoas que menstruam" foi utilizado com frequência. Projetos possuem uma abordagem respeitosa em relação a pessoas nas ruas, buscando ocultar pronomes e, quando observam pessoas que se identificam como homens trans ou pessoas não binárias, abordam de forma discreta para novamente perguntarem sobre a necessidade de receber absorventes, ainda que estes absorventes sejam externos e descartáveis. Outro ponto observado a partir dos dados foi o sentimento de vergonha, relatado no contexto de rua em relação ao recebimento de absorventes por homens e mulheres, cisgênero ou transgênero, e pessoas não-binárias de maneira geral.

#### 4.5 Absorventes descartáveis nas ruas

Item considerado como de primeira necessidade nas ruas, o absorvente externo descartável é o produto para higiene menstrual doado por todos os projetos entrevistados neste estudo. Outros produtos para higiene menstrual como absorventes de pano, coletores menstruais

e alternativas reutilizáveis demandam um processo de higienização não viável para o contexto de pessoas em situação de rua. Há uma preocupação sobre o tema da sustentabilidade nas ruas por parte dos projetos, embora reconheçam a carência de produtos ecológicos descartáveis com preços acessíveis. O custo dos absorventes também é um tema que pauta decisões importantes em relação à compra e doação para pessoas em situação de rua, para que a qualidade seja mantida com custos viáveis. A quantidade padrão doada pelos projetos é de 16 absorventes por ciclo. Há uma relação entre preferência de absorventes com abas e com uma camada de algodão na superfície, aspectos de produtos associados ao comportamento nas ruas e a sensação de conforto destas pessoas, para diminuição de casos de alergias causadas pelo excesso de exposição da região genital a uma camada mais plastificada.

#### 4.6 Informações sobre menstruação e produtos

A controvérsia social da menstruação com uma imagem estigmatizada de sujeira é algo citado por uma das entrevistadas enquanto refletia sobre os objetos chamados de "produtos para a higiene menstrual". Associar a noção de sujeira ao sangue menstrual é uma ideia que contribui para a caracterização de aspectos negativos relacionados a este processo biológico (J., 27 anos, 2022). A informação sobre a menstruação, assim como a sua naturalização, são ferramentas consideradas importantes para o combate da pobreza menstrual. Dados coletados nas entrevistas mostram que a única e exclusiva distribuição do absorvente como artefato único de higiene não seria suficiente para a erradicação da pobreza menstrual, sendo necessário o compartilhamento sobre o uso de produtos, assim como sobre a própria menstruação. A fala de especialistas, a criação de palestras e conteúdos, assim como rodas de conversa podem auxiliar nesta disseminação de informações sobre a GHM.

#### 4.7 Falta de acesso à água adequado

Crítico para um manejo adequado da menstruação, o acesso à água é escasso e, por vezes, impossibilitado nas ruas. Em contextos locais, há relatos de pessoas banhando-se em chafarizes de praças públicas, em água de chuva e em rios próximos, o que preocupa pelo risco de infecções com águas contaminadas. Além da própria higienização do corpo, a falta de água também dificulta o uso de produtos reutilizáveis. Segundo as entrevistas, sem água não há como higienizar de maneira adequada coletores, absorventes de pano e outros produtos de higiene menstrual.

Quadro 1 – Quadro síntese com principais achados.

Eixos temáticos	Aspectos Principais	Desafios Relacionados
1. Desafios em relação a produtos para a higiene menstrual	Uso de materiais alternativos (papel, pano, roupas, plantas, pão).	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Risco de infecções;</li> <li>● Falta de higiene;</li> <li>● Uso de produtos inadequados;</li> <li>● Falta de privacidade.</li> </ul>
2. Produtos necessários para higiene menstrual	Roupas íntimas (calcinhas, cuecas), lenços umedecidos, papel higiênico.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Escassez de água dificulta a higienização;</li> <li>● Alternativas necessárias sem o uso de água.</li> </ul>
3. Comportamentos de pessoas nas ruas	Uso inadequado de absorventes internos sob efeito de drogas, venda de absorventes doados, aceitação limitada de doações, constante movimentação.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Uso prolongado de absorventes internos;</li> <li>● Comercialização para drogas;</li> <li>● Falta de estoque</li> <li>● Dificuldades na distribuição devido à movimentação constante.</li> </ul>
4. Aspectos de gênero nas ruas e educação	Majoria masculina nas ruas, tentativas de homens de adquirir absorventes para venda, uso do termo "pessoas que menstruam".	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Violência na distribuição de absorventes;</li> <li>● Necessidade de abordagem respeitosa e discreta para pessoas trans e não-binárias;</li> <li>● Sentimento de vergonha generalizada.</li> </ul>
5. Absorventes descartáveis nas ruas e ferramentas do design	Preferência por absorventes com abas e camada de algodão, doação de 16 absorventes por ciclo, preocupação com sustentabilidade, inviabilidade de produtos reutilizáveis.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Custo elevado dos absorventes;</li> <li>● Problemas de alergia;</li> <li>● Falta de alternativas ecológicas viáveis;</li> <li>● Dificuldade de higienização de produtos reutilizáveis.</li> </ul>
6. Informações sobre menstruação e produtos	Menstruação estigmatizada como sujeira, necessidade de disseminação de informação sobre menstruação e uso de produtos, importância de palestras e rodas de conversa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Estigmatização social;</li> <li>● Falta de conhecimento sobre higiene menstrual;</li> <li>● Percepção negativa da menstruação;</li> <li>● Distribuição limitada de absorventes como solução única.</li> </ul>
7. Falta de acesso à água adequado	Relatos de banhos em chafarizes, água de chuva e rios contaminados.	<ul style="list-style-type: none"> <li>● Risco de infecções;</li> <li>● Impossibilidade de higienização de produtos reutilizáveis;</li> <li>● Higiene corporal comprometida.</li> </ul>

Fonte: a autora.

## 5 Discussão

Um dos pontos mais latentes das pessoas que vivem em situação de rua e menstruam é a dificuldade de higienizar produtos sustentáveis ou de uso alternativo ao absorvente descartável. Absorventes de pano, calcinhas absorventes, coletores menstruais como o copinho, entre outros, são itens que requerem frequente higienização. Sobre o tópico de produtos ecológicos no contexto de rua, seu uso é impossibilitado pela inviabilidade de higienização destes produtos. Três dos quatro projetos sociais, participantes desta pesquisa, relataram receber doações de produtos como o copinho ou o absorvente reutilizável, porém a falta de sabonete, água e outros recursos necessários para a higienização impossibilitou sua doação, não mencionando a questão do local para a secagem e a troca adequada dos produtos feitos de pano.

Não tem local para lavar direitinho, para higienizar, para estender, para secar, então às vezes nem para guardar, entendeu? Então isso dificulta com que ela use o absorvente tipo, porque ela não tem como fazer o manuseio desse absorvente de forma adequada e sim o absorvente descartável. Ele é mais prático pra ela, porque ela só vai depois jogar no lixo, entendeu? Então essa é uma das partes principais. Foi isso que nos foi dito, porque é por isso que elas não conseguiriam, porque não teriam como fazer seu manuseio da forma adequada. (N., 25 anos, 2022)

Há, no estudo, uma menção correlacionando a falta de informações sobre o produto e o mau uso dos artefatos. Sobre materiais reutilizáveis, "a lavagem e secagem adequadas são cruciais para uma utilização segura, embora muitas vezes difíceis devido à falta de privacidade e estigma" (UNICEF, 2019, p.22). Além disso, boas práticas como uso de sabonete e a disponibilidade de privacidade para uso adequado de artefatos reutilizáveis são importantes, realidade que não foi reportada como uma condição de pessoas que vivem em situação de rua. Além dos múltiplos desafios das ruas, em relação à escassez de recursos para lidar com a menstruação e o uso de materiais alternativos, existe a falta de informação sobre as consequências e os possíveis riscos para a saúde das pessoas que menstruam sem uma infraestrutura adequada.

A gente não tem a possibilidade de fazer a entrega de coletores menstruais na rua. Por algumas questões importantes. Primeiro que por uma questão de segurança mesmo dessas pessoas, imagina uma pessoa receber um coletor menstrual. Se ela faz um uso incorreto, uma higienização incorreta, até um risco absurdo de infecção que pode vir até a óbito. (V., 25 anos, 2022)

Os projetos e ONGs frequentemente recebem doações de coletores menstruais, conhecidos como copinhos, assim como absorventes reutilizáveis de pano que consideram opções inviáveis para os que vivem em situação de rua pelo perigo de contaminações pela falta de esterilização antes e após o uso. Em estudo que avalia o uso de coletores menstruais por pessoas que menstruam, Raymond et al. (2021) reportou que houve um mau uso de coletores, em especial em relação ao tempo de uso do produto. Pessoas reportaram no estudo deixarem o coletor introduzido por mais de 12h, tempo que seria maior do que o recomendado para a remoção para descarte do sangue menstrual.

Outros relatos similares surgiram, trazendo o contexto do uso de entorpecentes por pessoas que menstruam. Neste caso, foram observados casos de pessoas que, enquanto sob o efeito de bebidas ou outras substâncias se mantinham em um estado de baixa consciência enquanto sangravam deitadas na calçada. Quando perguntadas pelas representantes das ONGs em situações pontuais, algumas mulheres relataram o uso de nenhum produto para conter a menstruação. Convergindo com os relatos, a Unicef (2019) afirma que a falta de materiais

absorventes, para o manejo da menstruação de maneira adequada, ocorre para a maior parte de pessoas que menstruam em países assistidos pela organização.

Um dos maiores obstáculos do ato de menstruar na rua é a falta de produtos direcionados para a higiene menstrual. Durante as entrevistas, alguns relatos foram destacados, como o da mulher que, quando não possuía nenhum produto para conter a menstruação, se mantinha sentada no mesmo lugar, sangrando, sem utilizar nenhum artefato material que a pudesse ajudar com o manejo da menstruação. "Sabe, ela falou 'Ah, algumas delas menstruam e não tem o que usar, então elas ficam no lugar por muito tempo, sentada, parada, sangrando, com vergonha de estar naquele lugar lá e aí até a menstruação delas parar e tal ela está'" (J., 27 anos, 2022).

A entrevistada N. (25 anos, 2022) relatou que apenas a doação de absorventes não resolveria a questão da pobreza menstrual. Assim, relata que "A pobreza menstrual vai muito além de você doar apenas um absorvente, porque você tem que se preocupar se aquela pessoa tem acesso a água, se ela tem papel higiênico, se ela tem privacidade, enfim, se ela tem um banheiro". Além da falta de acesso à estrutura como água, banheiro e produtos, é necessário preocupar-se com a privacidade desta pessoa e também com a informação que ela tem sobre o próprio corpo. Segundo relato da entrevistada V. (25 anos, 2022), há pessoas nas ruas que confundem o canal de saída da menstruação com o que sai "o xixi, que era o mesmo canal que saía o bebê".

Porém, ainda que haja a presença de absorventes descartáveis nas ruas, há estudos que relatam que apenas possuir o absorvente não seria suficiente, seguindo em concordância com os dados coletados nas entrevistas. Em um estudo conduzido no Paquistão, Wasan et al. (2022) classificou como um apropriado manejo da menstruação quando mulheres relataram o uso de absorventes descartáveis. Porém, durante a coleta de dados, quase metade das participantes disse que uma das barreiras para um manejo adequado da menstruação era justamente o custo de comprar absorventes descartáveis (48.7%). Kuhlmann et al. (2019) reportou que há um conflito entre a compra de comida e de dispositivos para a menstruação, como absorventes descartáveis. Sobre pessoas em situação de rua, o estudo captou dados de mulheres que, durante o inverno na cidade de St. Louis, nos Estados Unidos, ficavam de 12 a 14 horas sem possibilidade de usar banheiros para trocar seus absorventes.

Smith et al. (2020) aponta, a partir de dados coletados em dez países da África, que os achados implicam que o uso de absorventes menstruais nem sempre é indicativo de necessidades de material menstrual sendo atendidas, nem o uso de pano indica necessidades de material menstrual não atendidas. Juntas, essas informações confirmam a provável inadequação do uso de material menstrual e, em particular, do uso de absorventes menstruais, como um indicador da saúde menstrual. Somente olhar o uso de absorventes como fator de necessidades atendidas relacionadas ao fator material da higiene menstrual não é indicado. Porém, é necessário mais pesquisa sobre a eficácia desses materiais em relação à proteção contra infecções e proliferações de doenças.

Para observar os fenômenos mapeados neste estudo em perspectiva com o olhar sobre o conceito de produto a partir de Löbach (2001) e Bonsiepe (2011), pode-se compreender que a ausência de produtos na rua também parte de uma escassez de pesquisas que propõe uma elaboração de produtos industrializados em aderência às necessidades destes usuários em particular. Apesar do viés capitalista e da lógica do mercado centrar o dinheiro como requisito para adquirir produtos, é substancial que o Design, como disciplina que constrói produtos que estão em meio a tais problemáticas, considere um contexto de necessidades humanas que marcam com desigualdades a sociedade.

Nesta ótica, o pensar Design como um facilitador que tangibiliza necessidades a partir de um processo de colaboração e cocriação, como propõe Noronha (2018), em conjunto com a proposta de Bonsiepe (2011), que pensa o profissional designer como uma figura capaz de elaborar projetos viáveis, pode auxiliar na proposição de novos horizontes para pensar, em suas múltiplas camadas, meios de compreender a pobreza menstrual. Assim, ao incluir participantes ativos deste contexto, além das próprias pessoas que menstruam em situação de rua, o Design como processo, e como cartografia, faria emergir as necessidades, que partem das próprias vozes que padecem com a falta de recursos para menstruar. Para isso, é necessário pensar o Design não como solucionador, mas sim, potencializador das vozes que já existem e que possivelmente conhecem suas necessidades, para conseguir compreender caminhos possíveis e acessíveis com o objetivo de melhorar a gestão da higiene menstrual destes indivíduos.

Por fim, centrar a elaboração de produtos para higiene menstrual, como solução para a pobreza menstrual, como já mencionado neste estudo, seria apenas resolver parte do problema. Olhar com centralidade para o usuário, a partir do que reflete Hargraves (2018), é pensar não só em produtos para higiene menstrual que atendam às pessoas que menstruam em situação de rua. É substancial que haja uma abordagem de pesquisa em Design, aspirando soluções de serviço, que busquem compreender: como informações relevantes podem ser acessíveis a essas pessoas; como diminuir o risco de infecções; quais os meios para facilitar o acesso a itens complementares para uma gestão da menstruação adequada; e como propor melhorias à questão de privacidade para pessoas que menstruam.

## 6 Considerações finais

O Design enquanto disciplina possui um potencial significativo para contribuir, não só para a melhoria, mas para uma compreensão profunda sobre o fenômeno da pobreza menstrual em sua multiplicidade de esferas. O pensamento epistemológico de trazer para a centralidade o usuário, assim como o pensar projetual, podem auxiliar neste processo de questionar, a partir da materialidade do produto, formas de pensar projetos com requisitos básicos pautados nas necessidades dos usuários. Neste estudo, mapeou-se aspectos sobre necessidades de pessoas que menstruam em situação de rua, e como a gestão da higiene menstrual pode ser classificada como não adequada pela ausência de produtos para higiene menstrual, pela escassez de recursos de higiene, como água e sabonete, a falta de privacidade para o manejo da menstruação e a falta de informação necessária para uma GHM consciente. A partir disso, refletiu-se como o Design pode contribuir para pensar projetos que contemplem requisitos complexos em um contexto delicado de falta de recursos e estigmas sobre a menstruação.

Além disso, este estudo abre caminho para futuras investigações que poderiam explorar a aplicabilidade dos princípios de Design em diferentes contextos geográficos e culturais, expandindo a compreensão da pobreza menstrual em outras regiões do Brasil e do mundo. Estudos futuros poderiam também focar no desenvolvimento de produtos inovadores de higiene menstrual que atendam às necessidades específicas de pessoas em situação de rua, considerando as limitações de recursos e as particularidades de cada contexto. Outra área promissora para futuras pesquisas seria a análise da eficácia de campanhas de conscientização, em especial sob o olhar do design da informação, voltadas para a desestigmatização da menstruação e a promoção de práticas seguras de gestão da higiene menstrual.

## 7 Referências

BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blücher, 2011. 270 páginas.

CAVALCANTE, Láisa Rebelo. **Design no contexto do antropoceno**: Análise sobre o consumo de produtos para menstruação. Orientador: Prof. Dra. Shirley Gomes Queiroz. 2020. Dissertação (Pós-graduação em Design) — Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

HARGRAVES, Ian. **Care and capacities of human-centered design**. Design Issues, v. 34, n. 3, p. 76–88, 2018. Disponível em: <https://direct.mit.edu/desi/article-abstract/34/3/76/69326/Care-and-Capacities-of-Human-Centered-Design>. Acesso em: 8 set. 2022.

INSTITUTO LOCOMOTIVA (São Paulo, SP); P&G (Brasil). Estudo. **A relação das brasileiras com o período menstrual e o fenômeno da pobreza menstrual**. São Paulo, SP: Instituto Locomotiva, 2022. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/estudos/relacao-das-brasileiras-com-o-periodo-menstrual-e-o-fenomeno-da-pobreza-menstrual/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

KUHLMANN, Anne Sebert et al. **Unmet Menstrual Hygiene Needs Among Low-Income Women**. Obstetrics & Gynecology, St. Louis, Missouri, v. 133, n. 2, p. 238–244, 2019. Disponível em: [https://journals.lww.com/greenjournal/Fulltext/2019/02000/Unmet\\_Menstrual\\_Hygiene\\_Needs\\_Among\\_Low\\_Income.2.aspx](https://journals.lww.com/greenjournal/Fulltext/2019/02000/Unmet_Menstrual_Hygiene_Needs_Among_Low_Income.2.aspx). Acesso em: 10 out. 2022.

LÖBACH, Bernd. **Design industrial**: bases para a configuração dos produtos. São Paulo: Blücher, 2001.

LIVRE PARA MENSTRUAR: **pobreza menstrual e a educação de meninas**. Relatório. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://livreparamenstruar.org/sobre/#relatorio>. Acesso em: 15 jun. 2021.

MANLEY, Hannah et al. **Comparison between menstrual cups**: first step to categorization and improved safety. Women's Health, v. 17, n. 2, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/17455065211058553>. Acesso em: 10 out. 2022.

MUSEUM OF MENSTRUATION. Página Inicial. Disponível em: <http://www.mum.org/>. Acesso em: 12 maio 2024.

MARTIN, B. & B. Hannington. (). **Universal methods of design**: 100 ways to research complex problems, develop innovative ideas, and design effective solutions. Beverly, MA: Rockport, 2012. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5646766/mod\\_resource/content/1/MARTINHANINGTON\\_Universal-Methods-of-Design.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5646766/mod_resource/content/1/MARTINHANINGTON_Universal-Methods-of-Design.pdf). Acesso em: 29 dez. 2022.

NORONHA, Raquel Gomes. **The collaborative turn**: Challenges and limits on the construction of a common plan and on autonomia in design. Strategic Design Research Journal, v. 11 n. 2, 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/sdrj/article/view/sdrj.2018.112.08/60746384>. Acesso em: 29 dez. 2022.

RAIMOND, Emilie et al. **Menstrual hygiene products**: a practice evaluation. Journal of Gynecology Obstetrics and Human Reproduction, v. 51, n. 1, article 102261, p. 1–7, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2468784721001987?via%3Dihub>. Acesso em: 10 out. 2022.

SMITH, Annie D. et al. National Monitoring for Menstrual Health and Hygiene: is the type of menstrual material used indicative of needs across 10 countries? International Journal of

Environmental Research and Public Health, v. 17, n. 8, artigo 2633, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/8/2633>. Acesso em: 10 out. 2022.

UNICEF. **Guide to Menstrual Hygiene Materials**. UNICEF: New York, NY, USA, 2019.

UNICEF; UNFPA. **Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdade e violações de direitos**. UNFPA, 2021. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/14456/file/dignidade-menstrual\\_relatorio-Unicef-unfpa\\_mai\\_o2021.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/14456/file/dignidade-menstrual_relatorio-Unicef-unfpa_mai_o2021.pdf). Acesso em: 19 jun. 2021.

WASAN, Yaqub et al. **Practices and predictors of menstrual hygiene management material use among adolescent and young women in rural Pakistan: a cross-sectional assessment**. Journal of Global Health, v. 10, n. 12., article 04059, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35908217/>. Acesso em: 8 set. 2022.

WONS, Letícia. **Introduzindo o primeiro produto menstrual que não absorve nada: coletores menstruais e transformações nas ordens prático-simbólicas da menstruação**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.